

A CAPOEIRA DA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO

Laura Fernanda Rodrigues da Rocha

RESUMO

O presente texto propõe reflexões à cerca da capoeira da escola. Tal prática, no contexto atual, é inserida e construída neste ambiente. Reflito sobre maneiras, conseqüências, causas e questionamentos gerados por esta realidade, considerando a historicidade da capoeira, através do relato da experiência docente vivida pela autora, no projeto de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Ouro Preto (IFMG - OP), parte do Programa de Práticas Corporais desta instituição, em que são realizados o que chamo de encontros de capoeira.

Palavras-chave: Capoeira. Escola. Experiências.

ABSTRACT

This text proposes ideas about the school's capoeira. This practice, in the present context, is included and built in this environment. I propose ways reflect, consequences, causes and questions generated by this fact, considering the history of capoeira, by reporting of teaching experience lived by the author, in the project of extension of the Federal Institute Education, Science and Technology of Minas Gerais - Ouro Preto Campus (IFMG - OP), part of the Program of corporate practices of the institution, which is what I made of meetings of capoeira.

RESUMEN

Este documento propone ideas acerca de capoeira en el contexto escolar. Esta práctica, en el contexto actual, se ha incluido y construido en este entorno. Reflexionar y proponer formas, las consecuencias, las causas y las preguntas generadas por este hecho, teniendo en cuenta la historia de la capoeira, la presentación de informes por la de experiencia docente vivida por el autor del proyecto de extensión del Instituto Federal Educación, Ciencia y Tecnología de Minas Gerais - Ouro Preto Campus (IFMG - OP), parte del Programa de las prácticas corporales, que es lo que he hecho de las reuniones de capoeira.

Exponho, primeiramente, aspectos ligados às peculiaridades da história da capoeira bem como a história do Brasil, com o intuito de relacioná-los à minha prática pedagógica. Em seguida, apresento questionamentos que dizem respeito à capoeira da escola, levando em consideração a especificidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Ouro Preto (IFMG-OP). Por fim, reflexões acerca da experiência são evidenciadas, trazendo o que considero um diferencial da capoeira da escola, trabalhada em um projeto de extensão.

Com várias discussões a respeito da sua origem africana ou brasileira, prefiro reconhecer que, apesar destas possibilidades, a capoeira trata-se de uma prática caracteristicamente brasileira, como é exposto por Bruhns (2000) quando diz que a capoeira nasceu da mistura, realizada em solo brasileiro, de diversas lutas, danças, rituais e instrumentos musicais vindos de várias partes da África.

Estas misturas encontram o modelo escravocrata brasileiro como espaço para aconteceram, sendo assim, no contexto das aulas, justifica-se, por exemplo, os alunos experimentarem brincadeiras que simulem a escravidão, como “pegador de escravo e capitão do mato”, ou outras criadas por eles mesmos. Além de reconhecerem a complexidade da capoeira exposta abaixo por Barbieri (1993), através de debates, observação de músicas, dentre outras coisas.

(...) Uma linguagem polisêmica que, como uma das contradições do processo de dominação, representou importante elemento para a preservação da identidade sócio-cultural, consolidada no cotidiano de origem do negro-africano, para a luta pela sobrevivência física, sendo o corpo vivido o seu repertório cultural, e ao mesmo tempo, uma das principais armas contra o opressor, e, como síntese, elemento chave no processo (re) criação cultural. (BARBIERI, 1993, p.24).

Já no período imperial brasileiro, ao longo do século XIX, os capoeiras se agrupavam em maltas. Estas reuniam pessoas de origens étnicas e geográficas diversificadas, que entravam em conflito nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, além de realizarem aparições públicas à frente de paradas militares, procissões e desfiles carnavalescos, exercendo o papel de capangas eleitorais (FONSECA, 2008). A partir daí, a navalha¹ aparece como elemento importante no contexto da capoeira. Reconhecer tal importância e estimular os alunos dos encontros de capoeira do IFMG-OP a reconhecê-la apresenta-se como uma estratégia pedagógica de enriquecimento do olhar dos alunos para a visita ao Museu Itinerante de Capoeira, uma das atividades programadas para este ano de trabalho. Este museu apresenta dentre outras coisa as navalhas utilizadas pelos capoeiras em Minas Gerais.

Ressalto que conformação histórica e política do período imperial brasileiro contribuiu para a visão negativa da sociedade da época a respeito da capoeira, no entanto este momento precisa ser compreendido e reconhecido, dada a sua importância para o contexto atual. A capoeira no contexto imperial apresenta uma possibilidade para estimular o reconhecimento crítico a respeito dos interesses daqueles que compõem o poder, na medida em que o Império mantinha uma ação de caráter dúbio “ora visando a eliminação da prática, ao menos oficialmente, já que em muitos dos casos essa empreitada policial contra os capoeiras aparecia apenas como uma tentativa de resposta às pressões das elites; ora buscando um aliciamento das maltas de acordo com interesses políticos.” (FONSECA, 2008, p. 4).

Com a instauração do Regime Republicano o jogo de interesses também fica evidente, na medida em que o esforço agora era no sentido de construir uma nova identidade nacional, ou seja, a capoeira foi fortemente reprimida pela sua identificação ao Império. Além da inclusão da capoeira no Código Penal de 1890, a República será a grande responsável em relacionar oficialmente a imagem do capoeira à do malandro e vagabundo (FONSECA, 2008). Imagem que a capoeira, ao longo da história, se

¹ Instrumento cortante utilizado nos jogos de capoeira ou escondido no berimbau, com o intuito de proteção e conflito pela defesa de interesses pessoais ou de um determinado grupo.

apropriou de maneira subversiva, em sua linguagem - nas gírias, músicas e gestos - para representar um modo de viver, relacionado à tranquilidade e paciência de lidar com os problemas cotidianos, ludibriando-os com sorriso e alegria, mesmo que irônicos.

Os alunos nos encontros de capoeira do IFMG-OP são estimulados a reconhecerem nas músicas a apropriação desta imagem, como por exemplo: “Eu vim pra vadiar no berimbau, eu vim pra vadiar no jogo, eu vim pra vadiar no canto e na palma, pra trazer alegria pro povo!”. Além de terem a possibilidade de contato com discursos de diferentes Mestres que relatam como a capoeira é importante em todas as dimensões da vida, principalmente neste trato com o cotidiano.

Durante a década de trinta, com o governo de Vargas, a capoeira passou a ganhar destaque. Depois da sua retirada do Código Penal em 1937, foi permitida a criação, em Salvador, das escolas de capoeira Regional e capoeira Angola, identificadas, respectivamente, com os mestres Bimba e Pastinha. Segundo Vieira (1997), o crescimento de tal prática fez com que ela saísse da marginalidade, assumindo seu papel institucionalizado de atividade desportiva educativa e cultural. Isso acontece também dentro de um contexto político repleto de interesses, principalmente relacionados à valorização do mestiço, que traz como consequência o mito da democracia racial, discutido, evidenciado e problematizado com os alunos nos nossos encontros.

O reconhecimento deste momento, com toda sua importância, bem como os conflitos gerados pelas diversas maneiras de apropriação da prática agora institucionalizada, fazem parte dos encontros de capoeira do IFMG-OP através de conversas, debates, experiências relacionadas à capoeira Angola e à regional, análises de letras de músicas e participação programada em um evento que conta com a presença de mestres que foram alunos de Bimba e Pastinha.

No contexto atual, a grande influência das escolas Angola e Regional permanece em grupos diversos, no entanto, é possível perceber que hoje em dia os métodos sistematizados são mais diversificados, de maneira que a reprodução detalhada da metodologia dos mestres Pastinha e Bimba dificilmente é encontrada. Esta realidade cria uma segregação que pode limitar a capoeira da instituição escolar, pois os grupos que seguem um determinado modelo de jogo, roda e rituais ligados à capoeira Angola são os chamados Angoleiros, e os que não seguem são rotulados de regionais. No entanto, no contexto escolar, torna-se indispensável para os capoeiras as experiências ligadas a Angola, Regional e outras possibilidades. Ou seja, no IFMG-OP nossas experiências são relacionadas às “capoeiras” Angola, Regional, do Grupo Ginga, do Grupo Cativoiro, criadas pelo nosso grupo com toda esta mistura, etc.

Outras formas de apropriação da capoeira existem e precisam ser problematizadas. Os campeonatos de capoeira, as apresentações objetivando o espetáculo e as práticas de cunho violento² são alguns exemplos. Instaura-se um grande dilema para o trato com a capoeira do contexto escolar: se o objetivo do trabalho enfoca a capoeira em suas múltiplas possibilidades de experiência, seria necessário proporcionar aos alunos a oportunidade de campeonatos, espetáculos e até violência? Mesmo que estas apresentem características tais como padronização de movimentos; classificações de gestos certos e errados; submissão a um modelo de espetáculo ditado pela indústria cultural; exclusão de pessoas que não se encaixam em um determinado padrão; etc, que podem restringir as possibilidades de formação?

² Não se trata de negar o fato da capoeira ser uma luta, mas de pensar como, expôs Santos (2009), nos usos indevidos de determinadas práticas corporais que têm como possíveis consequências os danos físicos.

Nenhuma prática por si só é construtiva e formadora, independente das opções expostas acima, ou seja, nenhuma atividade é por natureza benéfica e promoverá efeitos de bom caráter, moral e costumes. O que proporcionará algo de bom ou de ruim não é a prática em si, mas como ela será conduzida, apreendida e apropriada, o que também não esta livre de contradições (Programa de Práticas Corporais IFMG-OP, 2009).

Afirmar que a capoeira deve ter o intuito de colaborar efetivamente para a formação humana dos participantes, bem como possibilitar a compreensão ampla da capoeira como prática historicamente construída e inserida em uma sociedade complexa, torna-se mais coerente com uma instituição escolar. Ou seja, as experiências relacionadas com esta prática cultural que são de cunho competitivo e violento, e com objetivos de espetáculo fazem parte dos conhecimentos trocados nos encontros. No entanto, os encontros serão balizados na construção coletiva e na abertura.

Dessa forma possibilitamos a participação de todos e todas com suas especificidades, por exemplo: corporais, temos em nosso grupo pessoas mais fortes, outros mais altos, outros mais gordos, etc; de gêneros, masculino e feminino; de faixas etárias, mais especificamente de jovens e adultos pelo nosso contexto; de experiências relacionadas à capoeira ou não, temos participantes que já praticaram, outros nunca, outros continuam praticando em outro lugar concomitantemente; que se identifique com as questões ligadas à capoeira Angola, a Regional, as duas ou a nenhuma; e que tenham interesse em batizar³ no grupo do qual a professora faz parte, em outros grupos ou que não queiram batizar.

Esta última questão colocada que diz respeito ao batizado de capoeira foi exposta como um questionamento no relatório das atividades do ano anterior (2008) entregue a Diretoria de Extensão da instituição: “(...) a programação do grupo para o ano que vêm dependera da organização de idéias que ainda não tenho de maneira sistematizada, que dizem respeito à vinculação dos alunos de Capoeira do CEFET-OP⁴ a um grupo de Capoeira específico. Evidencio estes questionamentos devido a dois fatores principais, a história de cada aluno, que às vezes já esta vinculada a algum grupo, e a dúvida em relação à coerência de tal vinculação a idéia de compreender e experimentar a Capoeira amplamente, já que a experiência de um batizado, ao mesmo tempo em que é extremamente rica, de alguma forma corre o risco de engavetar as pessoas. A princípio o que encontro como possibilidade para estes questionamentos é a participação do nosso grupo de alunos no maior número de eventos possíveis, sem necessariamente acontecer o batizado”. Acrescento atualmente a possibilidade do batizado para os que tenham interesse.

Apesar desta abertura, dificuldades são encontradas principalmente que dizem respeito a uma timidez gerada nos participantes e possíveis participantes, e uma resistência a novas experiências, já que a maioria dos alunos dos encontros já praticou capoeira antes em outras oportunidades. Reflito sobre estas dificuldades a partir de três hipóteses que se complementam: a necessidade das pessoas de se relacionarem a práticas já vinculadas a uma determinada instituição, que encontram respaldo na mídia e no senso comum pela objetividade de suas organizações, como as modalidades esportivas; o caráter que faz parte da capoeira de rompimento social em sua ordem física, ordem céu terra, ordens relacionais, ordem cronológica e ordem lógica, como expôs Santos (2009);

³ O batizado de capoeira se trata do ritual de entrada do capoeira no meio, em que ele é apresentado para o grupo que fará parte.

⁴ Em 2008 o atual IFMG-OP ainda tinha o nome de CEFET- Ouro Preto.

bem como um olhar comum para a capoeira, relacionado-a a uma prática masculina, forte, dura, viril, sisuda, extremamente exigente em relação às habilidades motoras, etc.

A respeito da última hipótese citada exponho um fato interessante que diz respeito à divulgação do que era chamado na época de oficina de capoeira realizada pela Diretoria de Extensão. Por ingenuidade eu, como professora da instituição e da oficina, não atentei para a necessidade de acompanhar este processo, desde a confecção dos cartazes até a colocação deles. O fato é que a imagem do cartaz representava dois homens sem camisa, extremamente musculosos, com suas fisionomias fechadas, um atacando o outro e sem nenhum berimbau. Não sei quantitativamente quais foram e são as conseqüências desta divulgação. Qualitativamente ficou o equilíbrio entre a positividade de mais um aprendizado e o desânimo gerado nas primeiras semanas do trabalho.

Até então, os relatos e as questões levantadas podem se relacionar com o contexto de um projeto de extensão, mas também encontram possibilidades de se relacionarem com a capoeira como conteúdo a ser trabalhado nas disciplinas regulares, como educação física, história ou literatura, por exemplo. No entanto o que diferencia os encontros de capoeira, e inclusive os justifica, é a possibilidade de experimentá-la. Experiência esta indispensável para um saber orgânico. Santos (2009), ao expor a dificuldade de escrever um texto relativo a este saber, diz que:

“O conhecimento peculiar da capoeira é alcançado pela vivência cotidiana no universo específico da capoeiragem e não se chega nele por outras vias que não a sua própria. Então, nos resta tentar dar sentido a esses significados com as palavras, nos limites que nos é possível...” (SANTOS, 2009, p. 128).

Experiência aqui se trata de tudo aquilo o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. O que a cada dia esta mais raro, na medida em que muitas coisas se passam. (BONDÍA, 2002). Neste sentido, quando falo do diferencial dos encontros de capoeira, falo de um constante trabalho no sentido de possibilitar que a capoeira e todo seu universo nos passem, nos aconteçam, nos toquem. Falo de sentimentos indescritíveis que Santos (2009) arrisca a descrever:

“Na capoeira, tal realizar corporal nos fascina e atrai... Estamos reportando-nos ao arrepio que sentimos quando ouvimos uma ladainha bem cantada que recorda Mestre Bimba, Mestre Pastinha ou outros guardiões dessa arte. Também nos referimos ao sorriso que damos quando olhamos nos olhos do camarada e não sabemos mais se estamos dançando, lutando ou o que quer que seja! E também daquela vontade de voar quando o jogo flui e nos sentimos livres como o vento... Enfim, daquelas coisas que apesar de sermos carne, osso e sangue, sentimos na alma, que é o lugar em que se dá a significação poética da capoeira.” (SANTOS, 2009, p. 134).

Tudo isso trás consigo o risco inerente às experiências, o risco da exposição. Na medida em que para a experiência o importante é “a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiências aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”.” (BONDÍA, 2002, p. 25). Da mesma forma que a experiência também tem inerente sua capacidade de formação o de transformação, já que “é experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos

transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.” (BONDÍA, 2002, p. 26).

Por fim, me reporto a uma das diretrizes metodológicas do Programa de Práticas Corporais, com o intuito de ressaltar a importância de proporcionarmos aos nossos alunos a experiência, com seu caráter de exposição e de transformação: “O acesso aos projetos é livre, a permanência neles deve estar associada à *mudança de postura*, respeito, compromisso, responsabilidade e ética com os colegas e professores, com o trabalho proposto e consigo próprio.” (Programa de Práticas Corporais IFMG-OP, 2009, grifos meus).

REFERÊNCIAS:

BARBIERI, Cesar. *Um jeito brasileiro de aprender a ser*. Brasília, D.F.: 1993.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

BRUHNS, Heloisa Turini. *Futebol, carnaval, e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA – OURO PRETO. *Relatório das atividades da oficina de capoeira*. Ouro Preto, MG, 2008.

FONSECA, Vivian. *A capoeira contemporânea: antigas questões, novos desafios*. Recorde: Revista de História do Esporte Artigo. Volume 1, número 1, 2008

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS – CAMPUS OURO PRETO. *Programa de Práticas Corporais*. Ouro Preto, MG, 2009.

SANTOS, Gilbert de Oliveira. *Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da educação física...* Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 30, n. 2, p. 123-136, janeiro 2009.

VIEIRA, Márcio Mário. *A Capoeira na Escola*. Monografia de Graduação em Educação Física na UFMG, 1997.